

INTERTEXTUALIDADE E INTERDISCURSIVIDADE NAS LINGUAGENS MIDIÁTICA E LITERÁRIA: um encontro luso-brasileiro

André Valente

Le sens discursif d'un énoncé, on le voit, dépend de la prise en compte de la situation dans laquelle il est produit (l'identité des locuteurs et interlocuteurs et la finalité de l'échange) et d'une interdiscursivité (ensemble de discours) que les sujets ont besoin de mobiliser.

Charaudeau: 2005

O professor de português é, sobretudo, um professor de linguagem e de linguagens várias. *Et pour cause*, deveria buscar a integração de três disciplinas: língua portuguesa, lingüística e literatura. No Rio de Janeiro, sou professor das duas primeiras na graduação e na pós-graduação e procuro incorporar, na minha práxis, a contribuição dos estudos lingüístico-literários para a descrição e ensino da língua de Camões.

A transição por que passou o trabalho didático-pedagógico com o Português, nas três últimas décadas do século XX, levou a alterações na constituição de corpus tanto para as pesquisas acadêmicas como para o estudo em salas de aula. Pode-se usar só corpus literário, apenas corpus midiático ou até combinar os dois tipos: a 1ª posição prevaleceu durante décadas; a 2ª tem restrições; a 3ª é bastante utilizada atualmente.

Concordo com Fernanda Irene Fonseca e Joaquim Fonseca quando dizem que “a aula de Português é sempre aula de língua, de linguagem, de comunicação” (1977: 153). Com base em tal premissa, procuro sempre a integração das três disciplinas supracitadas e utilizo textos da mídia e da literatura. Cabe aqui destacar um paralelo entre dois fenômenos lingüístico-literários: os neologismos e a intertextualidade. Tanto esta como aqueles sempre estiveram presentes na linguagem literária – de Camões ao poeta brasileiro Manoel de Barros – e hoje são freqüentes na linguagem midiática.

Convém destacar que abordagens de natureza didático-pedagógica sobre questões de intertextualidade enfrentam um sério desafio no novo milênio: nossos alunos pertencem a uma geração audiovisual e menos letrada. Para eles, há intertextualidades facilmente identificáveis, como os textos com referências midiáticas, e existem intertextualidades de difícil reconhecimento, como os textos com referências literárias.

Intertextualidade

Todo discurso forma parte de una historia de discursos: todo discurso es la continuación de discursos anteriores, la cita explícita o implícita de textos previos. Todo discurso es susceptible, a su vez, de ser injertado em nuevos discursos, de formar parte de una clase de textos, del corpus textual de una cultura. La intertextualidad, junto com la intencionalidad comunicativa, es requisito indispensable del funcionamiento discursivo. (Reyes, 1984: 42-43)

Uma das passagens mais intertextualizadas na cultura ocidental é, certamente, “No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus” (João, 1:1). Retomada literária e midiaticamente, no Brasil, por Eno Teodoro Wanke em “No princípio era o verbo. Depois o sujeito e outros predicados. Depois, veio o sujeito e os outros predicados: os objetos, os adjuntos, os complementos, os agentes, essas coisas. E Deus ficou contente. Era a primeira oração” e em Portugal pelo *Jornal de Letras* (9 a 22/5/07):

O texto do fotógrafo Daniel Mordzinski fala da sua relação com o escritor Enrique Vila Matas. O primeiro encontro deles ocorre na cimeira ibero-americana realizada no Porto em 1998. O reencontro ocorre cinco anos depois em Barcelona. Daniel relata que Enrique falava com freqüência de suas fotos. Destaca que uma delas foi capa do livro “Vila-Matas portátil”. Segundo o fotógrafo, nasceu entre eles uma verdadeira amizade a partir do momento em que o escritor, antes relutante, deixou-se fotografar.

Para Charaudeau e Maingueneau, a intertextualidade “designa ao mesmo tempo uma propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto de relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos. Na primeira acepção, é uma variante da interdiscursividade” (2004: 288-289).



No princípio era a foto

Eles distinguem uma **intertextualidade interna** (entre um discurso e aqueles do mesmo campo discursivo) e uma **intertextualidade externa** (com os discursos de campos discursivos distintos, por exemplo, entre um discurso teológico e um científico).

Laurent Jenny considera a **Intertextualidade Interna** aquela em que o autor cita a si próprio e a **Intertextualidade Externa** aquela em que o autor cita outro(s) autores(s). Acrescenta que “... a intertextualidade designa não uma soma confusa e misteriosa de influências, mas o trabalho de transformação e assimilação de vários textos, operado por um texto centralizador, que detém o comando de sentido”. (1979: 14)

Tanto Mar (Chico Buarque)

1975 (1ª versão)

Sei que estás em festa, pá
Fico contente
E enquanto estou ausente
Guarda um cravo para mim

Sei que há léguas a nos separar
Tanto mar, tanto mar
Sei também quanto é preciso, pá
Navegar, navegar

Eu queria estar na festa, pá
Com a tua gente
E colher pessoalmente
Uma flor do teu jardim

Lá faz primavera, pá
Cá estou carente
Manda urgentemente
Algum cheirinho de alecrim

1978 (2ª versão)

Foi bonita a festa, pá
Fiquei contente
E inda guardo, renitente
Um velho cravo para mim

Sei que há léguas a nos separar
Tanto mar, tanto mar
Sei também quanto é preciso, pá
Navegar, navegar

Já murcharam tua festa, pá
Mas certamente
Esqueceram uma semente
Nalgum canto do jardim

Canta a primavera, pá
Cá estou carente
Manda novamente
Algum cheirinho de alecrim

A segunda versão de “Tanto mar” é exemplo de intertextualidade interna. Chico Buarque cita a si próprio e modifica a primeira versão com o intuito de registrar a transição por que passava a Revolução dos Cravos em Portugal. As alterações do compositor revelam uma preocupação com os novos caminhos do movimento libertário. Vivendo na ditadura brasileira dos anos 70, Chico falava por muitos de nós que torcíamos pelo sucesso da Revolução lusitana.

Chico Buarque utiliza a intertextualidade externa em “Flor da Idade” ao citar versos de Drummond em “Quadrilha”:

Quadrilha (Carlos Drummond de Andrade)

João amava Teresa que amava Raimundo
 Que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
 Que não amava ninguém
 João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
 Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
 Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. pinto Fernandes
 que não tinha entrado na história

Flor da Idade (Chico Buarque)

(...) Carlos amava Dora que amava Lea que amava Lia que
 amava Paulo que amava Juca que amava Dora que amava
 Carlos amava Dora que amava Rita que amava Dito que
 amava Rita que amava Dito que amava Rita que amava
 Carlos amava Dora que amava tanto que amava Pedro que
 amava a filha que amava Carlos que amava Dora que
 amava toda a quadrilha...
 amava toda a quadrilha...
 amava toda a quadrilha...

A intertextualidade subdivide-se em **Explícita** (citação na íntegra de verso(s), provérbio, fragmentos de texto) ou **Implícita** (citação parcial, modificada). A Intertextualidade Externa é mais utilizada que a Interna e a Implícita tem mais complexidade que a Explícita. (Valente, 2002:181)

Observem-se as seguintes passagens:

JORNAL DO BRASIL (31/06/2001)

Não era bicho, era homem

Maria Flávia Werlang

“Vi ontem um bicho, na imundície do pátio, catando comida entre os detritos (...) O bicho não era um cão, não era um gato, não era um rato. O bicho,

meu Deus, era um homem.” O poema “O bicho”, de Manuel Bandeira, foi escrito há 54 anos. A cena que descreve repetiu-se ontem em Irajá, Zona Norte do Rio. Umhas 1000 pessoas cavavam com mãos e pás os escombros do incêndio que, no último dia 21, destruiu o pavilhão 41 da Ceasa. Para pegar sacos de arroz e latas de óleo, muitos atravessaram um pirão de lama que as chuvas do fim de semana deixaram no lugar, rasgaram as roupas, deixaram sapatos no caminho. Na corrida pela comida, teve até quem se machucasse.

EXPRESSO (16/09/2006)

O negócio mora ao lado

A compra do BPA pelo BCP é um exemplo de diversificação acertada, segundo Chris Zook, da consultora Bain & Co.

Jorge Nascimento Rodrigues

Nunca dê mais de três passos para o lado numa estratégia de diversificação de negócios. “Se o fizer, a sua probabilidade de êxito é inferior a 10%”, diz Chris Zook, 55 anos, director da Bain & Company, que liderou um estudo sobre diversificação. O segredo, diz ele, é procurar as oportunidades que moram ao lado da sua actividade central, a que chama de negócios “adjacentes”.

Na primeira passagem, ocorre intertextualidade externa explícita. Os versos do poema de Manuel Bandeira abrem a matéria sobre seres humanos animalizados em busca de alimentos num bairro do Rio de Janeiro.

A segunda dialoga com o filme “O pecado mora ao lado”, de Billy Wilder, e trata de questões financeiras e diversificação de negócios. É um exemplo de intertextualidade externa implícita.

Intertextualidade e interdiscursividade

“Todo o texto constrói-se como mosaico de citações, todo o texto é absorção e transformação de um outro texto”, como afirma Julia Kristeva ao caracterizar a intertextualidade (*apud* Reis, 1995:184). Tal conceito foi revisto e aprofundado com a divulgação das idéias de Bakhtine no Ocidente. Cesare Segre “reserva o termo Intertextualidade para referir as relações entre texto e texto, enquanto o termo Interdiscursividade designa as mais difusas conexões que todo texto, oral ou escrito, mantém com todos os enunciados (ou discursos) registados na correspondente cultura e ordenados ideologicamente” (*idem*: 186).

Vejam-se os seguintes exemplos que remetem aos versos “O Haiti é aqui/O Haiti não é aqui”, da canção “Haiti”, de Caetano Veloso:

JORNAL DO BRASIL (11/04/2004)
O IRAQUE É AQUI

Rocinha, Vidigal, Santa Teresa, Tijuca, Cerro Corá, não importa o endereço. O saldo de morte da violência em menos de dois dias no Rio de Janeiro perfaz 10 pessoas entre adultos e crianças, homens e mulheres, bandidos e cidadãos comuns. Segurança zero, insegurança, medo, terror, 100. a criminalidade não é, nem pode ser encarada como problema tópico, sazonal, raro. Integra há décadas o cotidiano do carioca.

O GLOBO (25/02/2006)
 ECONOMIA

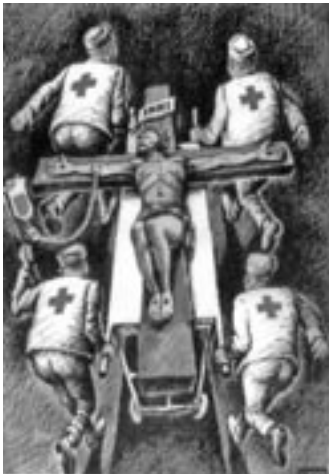
O Haiti é quase aqui

Economia brasileira cresceu só 2,3% em 2005, menos da metade da expansão de 2004.

Os versos mostram uma dualidade no Brasil. O primeiro verso é expressão metafórica da miséria brasileira: de uma tragédia social. A manchete do Jornal do Brasil é uma metáfora da guerra atualmente travada no Rio de Janeiro. Já em O GLOBO, a metáfora se verifica no campo econômico.

Nas distinções Intertexto/interdiscurso e Intertextualidade/Interdiscursividade, J.L. Fiorin observa que ambos os fenômenos se referem “à presença de duas vozes num mesmo segmento discursivo e textual”. Considera a Intertextualidade “um processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja pra transformá-lo”, e vê a interdiscursividade como “o processo em que se incorporam percursos temáticos ou figurativos, temas e/ou figuras de um discurso em outros.” Conclui que a Interdiscursividade não implica a Intertextualidade, “embora o contrário seja verdadeiro, pois, ao se referir a um texto, o enunciador se refere, também, ao discurso que ele manifesta.” (Fiorin, 2003: 35)

Comparem-se os seguintes *cartoons*:



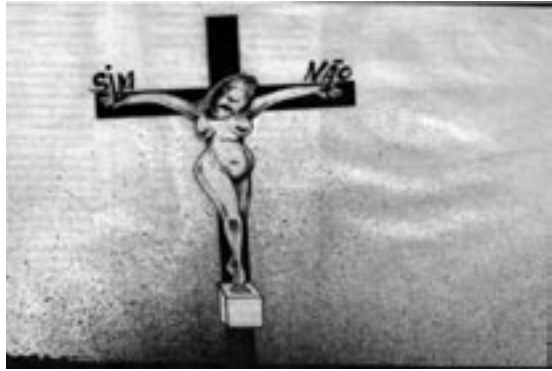
(VIII8THPortoCartoonWorld Festival)



(Paulo Caruso, Jornal do Brasil, 21/4/96)

CARTOON VASCO

Percebe-se um percurso temático nos três *cartoons* baseados num ícone – Cristo crucificado – bastante utilizado na civilização ocidental e cristã. Tal imagem é recorrente em diversas produções artístico-culturais. O jogo interdiscursivo apresenta variações ditadas por contextos específicos. No primeiro *cartoon*, nota-se no socorro a Cristo a presença da inscrição INRI (*Iesus Nazarenus*



(Público, 11/2/07)

Rex Iudeorum), que aparece modificada no segundo, na forma INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). O trabalho de Paulo Caruso é uma denúncia contra o massacre dos trabalhadores sem-terra pela polícia paraense, em Eldorado dos Carajás (Norte do Brasil). O Cristo crucificado assemelha-se ao mapa territorial brasileiro.

O *cartoon* de Vasco, sobre o referendo do aborto em Portugal, mostra o sacrifício feminino na disputa entre os adeptos do *sim* e do *não*. Na base da cruz, a urna simboliza o martírio da mulher.

Diálogos luso-brasileiros

I.

As armas e os barões assinalados
 Que da ocidental praia lusitana
 Por mares nunca dantes navegados (...)
 (Camões, “Os Lusíadas”, Canto I)
 Não morrerá sem poetas e soldados
 A língua em que cantaste rudemente
 As armas e os barões assinalados
 (Manuel Bandeira, “A Camões”)

As armas e os barões assinalados
 Vieram assistir ao carnaval
 Cantando espalharei por toda a parte
 Que o porta-estandarte
 Vai ser “seu” Cabral

O Pero Vaz de Caminha
 Vem de Arlequim multicolor
 Trazendo nesse bolsinho
 Uma cartinha de amor.
 (Alberto Ribeiro, “As armas e os barões”)

A passagem camoniana de “Os Lusíadas” é retomada por Manuel Bandeira. Ele recorre a uma intertextualidade externa e explícita no último verso e esta abre os versos da canção “As armas e os barões”, de Alberto Ribeiro. A canção fez parte do filme “Alô Alô, Carnaval” e causou forte impressão em Miguel Torga. Quando a ouviu, o escritor concluiu que a alegria e a irreverência brasileiras eram traços marcantes das diferenças culturais entre os dois países, o que ele registra na obra *Ensaio e Discursos* (2002).

II.

Limpeza pública

O poeta é um reciclador
 Das palavras de todo dia
 Do verbo de toda hora
 Que se usa e bota fora
 Separa o descartável
 Do reaproveitável
 E o bonito da bobagem
 A poesia
 É o lixo limpo
 Da linguagem
 (Luís Fernando Veríssimo, 2002:100)



(Chico Caruso, O GLOBO, 11/10/05)

O poema de Luis Fernando Veríssimo e a charge de Chico Caruso remetem aos versos de Fernando Pessoa, “O poeta é um fingidor” e “Navegar é preciso, viver não é preciso”. Veríssimo utiliza as metáforas “o poeta é um reciclador” e “A poesia é o lixo limpo da linguagem”, com oxímoro na segunda, para tecer considerações, tal qual Pessoa, sobre o fazer poético. Caruso vale-se da polissemia de “preciso” para satirizar a hesitação do Governo de Lula.

Diálogos culturais

Além das referências a textos literários, as práticas intertextuais remetem a diversas manifestações culturais como a pintura, a música e o cinema. Os dois

exemplos seguintes dialogam com os filmes *Casablanca*, de Michael Curtiz, e *Fale com ela*, de Almodóvar.



(Jornal de Notícias, 3/3/07)

O anúncio do *Butiquim Carioca* incorpora a famosa frase – que nunca foi dita – *Play it again, Sam*, do filme de Curtiz. O vocativo *Tom* é a forma abreviada do compositor Antonio Carlos Jobim.

O artigo de Rui Reninho já traz no título a referência ao filme “Hable con Ella”, de Almodóvar, o que se confirma no primeiro período do texto: “Hablar con elas, que nem sempre respondem”. O autor ironiza a forma de comunicação entre empresas e consumidores, em que a tônica costuma ser a incomunicabilidade.

Considerações finais

Para Eni Pulcinelli Orlandi, deve-se distinguir intertexto de interdiscurso:

É preciso não confundir o que é interdiscurso e o que é intertexto. O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido, é preciso que elas já façam sentido. E isso é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular, se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras. (2001:33)

CARTOON VASCO



(Público, 5/11/06)

Não há uma intertextualidade facilmente identificável no trabalho de Vasco. Combinam-se os elementos verbais e não-verbais para a estruturação da mensagem. O interdiscurso é que vai explicitar a intenção crítica, de forma irônica, a respeito de um fato do cotidiano: o aumento do valor pago pela energia elétrica. Na linguagem não-verbal, a luz funciona como

instrumento de tortura do consumidor, como já funcionou em épocas repressivas. Na linguagem verbal, o emprego de “Confesso!” é decorrente do uso da luz torturante.

Cabe retomar na conclusão a referência bíblica citada no início do texto, com o propósito de lembrar Mallarmé, que nos disse: “Mais ou menos todos os livros contém, medida, a fusão de qualquer repetição” (*Apud Jenny*, p. 5). No *Livro das Ignorâncias*, o poeta brasileiro Manoel de Barros reescreve mesma passagem e faz metapoesia:

*No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
criança diz: **Eu escuto a voz dos passarinhos.**
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
para cor, mas para som.
Então, se a criança muda a função de um verbo, ele
delira.
E pois.
Em poesia que é a voz do poeta, que é a voz de fazer
nascimentos –
O verbo tem que pegar delírio.*

Quando aceitamos que um texto não é um sistema fechado, somos levados a reconhecer que o autor – o produtor do texto – vem carregado de influências várias, de múltiplas citações. Autores e leitores são resultado de diversas leituras. Se de alguma forma tudo já foi dito no mundo e cabe-nos apenas saber redizer, que saibamos então fazê-lo com engenho e arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barros, Manoel de, 1993. *O livro das ignoranças*, Rio de Janeiro, Record.
- Charaudeau, Patrick, 2005, *Sémantique de la langue, sémantique du discours. De la rupture à une communauté de pensée*, in Carreira, Maria Helena Araújo, *Travaux et Documents*, Paris, Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis.
- Charaudeau, Patrick e Maingueneau, Dominique, 2004, *Dicionário de Análise do Discurso*, São Paulo, Contexto.
- Dallenbach, Lucien, 1979, *Intertexto e Autotexto*, in Poétique, nº 27, Coimbra, Almedina.
- Fonseca, Joaquim & Fonseca, Fernanda Irene, 1977, *Pragmática linguística e ensino de Português*, Coimbra, Almedina.
- Fiorin, José Luiz, 2003, *Polifonia textual e discursiva*, in Barros, Diana L. de Pessoa e Fiorin, J.L. (orgs.), *Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade*, São Paulo, EdUSP.
- Greimas, A. J. e Courtés, J., 1979, *Dicionário de semiótica*, São Paulo, Cultrix.
- Jenny, Laurent, 1979, *A estratégia da forma*, in Poétique nº 27, Coimbra, Almedina.
- Orlandi, Eni, Pulcinelli, 2001, *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*, Campinas, Pontes.
- Reis, Carlos, 1995, *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*, Coimbra, Almedina.
- Reyes, Graciela, 1984, *Polifonia textual: la citación em el relato literario*, Madrid, Gredos.
- Torga, 2002, Miguel, *Ensaio e Discursos*. Lisboa. Obra Completa do Círculo de Leitores
- Valente, André, 1997, *A linguagem nossa de cada dia*, Petrópolis, Vozes.
- _____, 2003, *Intertextualidade: aspecto da textualidade e fator de coerência*, in Henriques, Cláudio C. e Pereira, Maria T. G. (orgs.), *Língua e transdisciplinaridade: rumos, conexões, sentidos*, São Paulo, Contexto.
- _____, *A intertextualidade nos discursos midiático e literário*, in Pauliukonis, Maria A. L. e Santos, Leonor W. dos (orgs.), *Estratégias de leitura: texto e ensino*, Rio de Janeiro, Lucerna.
- Veríssimo, Luís Fernando, 2002. *Poesia numa hora dessas?*, Rio de Janeiro. Objetiva.

